



PRIMEIRO MINISTRO

**DISCURSO DE
SUA EXCELÊNCIA O PRIMEIRO-MINISTRO
KAY RALA XANANA GUSMÃO
NO FESTIVAL GARMA**

Festival Garma, Gulkula, Northeast Arnhem Land,
Território do Norte, Austrália
1 de agosto de 2026



Palácio do Governo
Avenida Marginal
Dili, Timor-Leste

Reconheço o povo da Nação Yolngu. Presto homenagem aos Anciãos Yolngu, do passado e do presente, e reconheço os líderes, as famílias e as comunidades que têm cuidado desta Terra.

Em particular, presto homenagem ao clã Gumatj, em cuja terra hoje nos reunimos, em Gulkula.

Senhor Djawa Yunupingu, Presidente da Fundação Yothu Yindi, líderes e membros da comunidade Yolngu.

É uma honra juntar-me a vós na Terra Yolngu e ser aqui recebido, juntamente com a Senadora, a Honorável Penny Wong, Ministra dos Negócios Estrangeiros; ministros e parlamentares australianos; e ministros e representantes dos nossos amigos de toda a região do Pacífico.

Agradeço por me terem recebido em Gulkula e pela generosidade e amizade demonstradas à minha delegação.

Desde o momento em que chegámos, sentimo-nos em casa. Sentimos um forte sentido de pertença e de cultura, numa comunidade onde a solidariedade tem significado e a história tem peso.

Timor-Leste e a Terra de Arnhem situam-se frente a frente, separados pelo mar. Esse mar faz parte do mundo de ambos os nossos povos, moldando os nossos modos de vida, as nossas histórias e a nossa relação com a terra que nos rodeia.

Ao vir a Garma, sinto uma proximidade entre os nossos povos.

As nossas histórias e culturas são diferentes, mas ambas foram moldadas por tradições ancestrais e por longas lutas para proteger a nossa identidade e determinar o nosso próprio futuro.

O tema do Festival Garma deste ano é **Bukmak**, que significa “**Todos**”.

Reflete a abertura deste encontro, onde pessoas de diferentes comunidades e países são calorosamente acolhidas para conhecer a cultura Yolngu, escutar, aprender e construir relações.

Mesmo no pouco tempo que aqui estive, reconheço algo que me é muito familiar. A cultura Yolngu perdurou porque os seus Anciãos, as suas famílias e as suas comunidades continuaram a preservá-la.

A cultura timorense também remonta a incontáveis gerações. Vive nas nossas muitas línguas, nas nossas casas sagradas, nas nossas cerimónias e nas relações entre as famílias, os antepassados, a terra e os espíritos do nosso povo.

A nossa cultura sobreviveu a séculos de domínio estrangeiro, de guerra e de ocupação. Tem sido uma fonte de conhecimento, de dignidade e de resistência para o nosso povo.

A nossa narrativa da criação explica a relação entre o povo timorense, os nossos antepassados e a nossa terra.

A história conta que um jovem rapaz encontrou um pequeno crocodilo encalhado e a sofrer sob o calor.

Compadecido do crocodilo, o rapaz levou-o até ao mar e salvou-lhe a vida.

O crocodilo nunca esqueceu a sua bondade. Anos mais tarde, quando o rapaz desejou conhecer o mundo, chamou o crocodilo, já então forte e crescido, e subiu para o seu dorso.

Viajaram juntos pelo oceano durante muitos anos, até que o crocodilo envelheceu e já não pôde continuar a viagem.

O crocodilo disse ao rapaz que, quando morresse, o seu corpo se transformaria numa ilha onde o rapaz e os seus descendentes poderiam viver.

O seu corpo transformou-se na ilha de Timor.

É por isso que o povo timorense chama ao crocodilo “**Avô**”, e é também por isso que ele é sagrado para nós.

A nossa história ensina-nos que a nossa terra não foi simplesmente encontrada nem conquistada. Foi-nos oferecida através de um ato de bondade e de um ato de sacrifício. Essa dádiva criou também uma obrigação.

A terra não é apenas algo que nos pertence. Nós também pertencemos à terra e temos a responsabilidade de a proteger para as gerações que virão depois de nós.

Quando era prisioneiro político em Jacarta, escrevi um poema sobre o Avô Crocodilo, erguendo-se do mar e estendendo o seu corpo através do tempo, até que o seu dorso se transformou nas montanhas de Timor.

Foi nessas montanhas que o nosso povo nasceu, onde construiu as suas comunidades e onde encontrou refúgio em tempos de conflito.

Compreendo que o crocodilo também tem um profundo significado nas tradições do povo Gumatj e em toda a Terra de Arnhem. Para o povo Yolngu, Bärü, o crocodilo ancestral, está ligado à lei, à identidade, às cerimónias e à relação entre o povo, a Terra e o mar.

Estes ensinamentos são transmitidos através do canto, da dança e das cerimónias, bem como do conhecimento que os Anciãos passam de geração em geração.

Aqui, em Gulkula, um local cerimonial sagrado do povo Gumatj e um espaço de aprendizagem, estou profundamente impressionado com a forma como este conhecimento continua a ser partilhado, praticado e preservado.

As nossas histórias são diferentes, e falo com respeito pelos significados que pertencem ao povo Yolngu. Mas, de um e outro lado do Mar de Timor, os nossos povos partilham a compreensão de que as histórias, as cerimónias e a cultura não são meras recordações do passado.

São guias vivos que transmitem conhecimento e responsabilidade de uma geração para a outra, aproximam as pessoas e orientam a forma como vivemos.

Desta forma, o Festival Garma faz mais do que celebrar a cultura Yolngu. Dá continuidade à antiga tradição de reunir em Gulkula para ensinar, escutar, trocar perspectivas e fortalecer as relações entre famílias, clãs e comunidades.

Ao acolher pessoas de toda a Austrália e da nossa região, o Festival Garma cria também uma oportunidade para que outros aprendam com o povo Yolngu, aprofundem a sua compreensão e construam relações assentes no respeito.

Isto é especialmente importante numa altura em que o medo, a desconfiança e a intolerância estão a afastar as pessoas em muitas partes do mundo.

A compreensão cresce quando as pessoas se encontram, se escutam mutuamente e reconhecem a dignidade, a história e a experiência umas das outras.

O povo de Timor-Leste compreende a importância de se reunir para honrar os nossos antepassados, partilhar conhecimentos e transmitir as nossas tradições aos nossos filhos.

Compreendemos também o poder da cultura para aprofundar o respeito mútuo, fortalecer os laços entre as comunidades e unir as pessoas na construção de um futuro melhor.

Amigos, irmãs e irmãos,

Este ano, o Festival Garma assinala o quinquagésimo aniversário da Lei dos Direitos à Terra dos Povos Aborígenes. Este aniversário homenageia a longa luta dos povos aborígenes pelo reconhecimento e pelo controlo das suas terras.

Durante gerações, o povo Yolngu defendeu a sua lei, a sua cultura e a sua relação com a Terra.

Continuaram a organizar-se, a negociar e a fazer ouvir a sua voz, mesmo quando os governos se recusavam a escutá-los.

A luta pelo direito à terra não é apenas uma luta pela propriedade legal da terra. É uma luta pelo poder de decidir o que acontece nessa terra, como ela é protegida e de que forma os seus recursos são utilizados.

Ambos os nossos povos tiveram de lutar contra a ideia de que outros saberiam o que era melhor para nós, poderiam controlar a nossa terra e o nosso mar e decidir o nosso futuro em nosso nome.

Amigos, irmãs e irmãos,

Em 2011, o Presidente de Timor-Leste, Dr. José Ramos-Horta, esteve presente no Festival Garma. No ano seguinte, o nosso Governo recebeu, em Timor-Leste, um grupo de Anciãos Yolngu.

Hoje, tenho o privilégio de me dirigir a este festival a convite da Fundação Yothu Yindi e de conhecer melhor a vida e a cultura do povo Yolngu no nordeste da Terra de Arnhem.

Proponho que forcemos a amizade que construímos e lhe demos um significado prático para os nossos povos.

Isto poderá incluir a abertura de um diálogo com vista à celebração de um acordo de amizade e de entendimento cultural entre nós.

Poderá também incluir a criação de oportunidades para que Anciãos, jovens, artistas e líderes comunitários possam visitar-se mutuamente, trocar conhecimentos e discutir os desafios e as oportunidades com que os nossos povos se deparam.

Ao reunirmo-nos para partilhar as nossas experiências, culturas e conhecimentos, poderemos fortalecer não apenas as nossas comunidades, mas também a nossa região no seu conjunto.

Senhor Djawa, muito obrigado, uma vez mais, por nos ter acolhido.

Espero que, em breve, possamos receber novamente membros da comunidade Yolngu em Timor-Leste, com a mesma generosidade e amizade que hoje me demonstraram.

Será para mim uma honra recebê-los na amada terra do Avô Crocodilo, caminhar convosco, sentar-me convosco e com os nossos líderes, conhecer os nossos jovens e visitar as nossas casas sagradas, as nossas montanhas e as nossas comunidades.

Juntos, poderemos partilhar as nossas histórias e o nosso sentido de solidariedade e de pertença.

Entre a Terra de Arnhem e Timor-Leste estende-se um mar. Façamos com que esse mar continue a unir-nos, a transportar as nossas histórias e a sustentar as nossas comunidades.

Muito obrigado.